

ACTA NÚMERO DOIS

SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA ASSEMBLEIA MUNICIPAL DE TAVIRA, REALIZADA NO DIA VINTE E CINCO DE ABRIL DO ANO DOIS MIL E ONZE. _____

----Aos vinte e cinco dias do mês de Abril do ano dois mil e onze, reuniu no Salão Nobre dos Paços do Concelho, em sessão extraordinária, a Assembleia Municipal de Tavira, com a seguinte Ordem de Trabalhos: _____

1. Sessão Solene da Comemoração Municipal do dia da Liberdade; _____

----O Presidente da Assembleia Municipal, José Otilio Pires Baia declarou aberta a sessão pelas dez horas e trinta minutos. _____

----Verificaram-se as presenças dos Membros Carlos Alberto Pires Rodrigues, Carlos Manuel do Livramento Baptista, Elisabete Miguel Parra Rocha, Filipa Alexandra Costa Lourenço, Filipe Vasques do Nascimento Neto Lopes, Hélder dos Mártires Palma da Conceição, Jaime Luís Fernandes Costa, Jean-Pierre Patrick Rancher, João Pedro da Conceição Rodrigues, Joaquim José Brandão Pires, Jorge Francisco Silva, José Alberto Godinho Correia, José Epifânio Martins da Graça, José Liberto da Conceição Graça, José Manuel Baptista do Carmo, José Mateus Domingos Costa, José Otilio Pires Baia, José Vitorino Rodrigues Pereira, Leonardo António Gonçalves Martins, Maria Isabel Pires Cruz dos Santos, Muriel Cristina Dias, Nuno Miguel Pereira da Silva Encarnação, Sidónio Manuel Gonçalves Barão, Sílvia Alexandra Sanches Soares e Vítor Manuel Rijo Faleiro. _____

----Os Membros Alberto Custódio Fernandes do Carmo e Fernando Augusto Pereira solicitaram a substituição, tendo sido substituídos pelos Membros Jaime Luís Fernandes Costa e Nuno Miguel Pereira da Silva Encarnação, respectivamente. _____

----Os Membros Dulce Cláudio Paixão Bernardo, Paulo Renato Faleiro Silva, Pedro Manuel do Nascimento e Rui Manuel Rocha Horta faltaram à sessão. _____

----O Presidente da Assembleia disse que a presente sessão extraordinária tinha como objectivo comemorar a efeméride do dia em curso, o vinte e cinco de Abril. _____

----Informou que à semelhança do ano transacto iriam iniciar a Assembleia com a intervenção do seu Presidente, seguida do representante de cada força política representada na Assembleia, sendo encerrada com a intervenção do Presidente da Câmara. As intervenções das bancadas iriam começar pelo candidato independente,

Membro Carlos Baptista, seguido do representante da Coligação Democrática Unitária, do Bloco de Esquerda, Partido Social Democrata e terminando com o representante do Partido Socialista. _____

----Para iniciar a intervenção, o Presidente da Assembleia Municipal, cumprimentou o Presidente da Câmara Municipal de Tavira, Vereadores, Presidentes de Junta, membros da Assembleia Municipal, representantes das Entidades Oficiais, Comunicação Social e restantes presentes. _____

----Disse que a Assembleia Municipal de Tavira, estando atenta ao quanto lhe competia e ao que representava o 25 de Abril, tinha entendido voltar a evocar essa efeméride histórica no seu trigésimo sétimo aniversário. Tratava-se de uma cerimónia simples mas com grande significado democrático sendo fruto do entendimento entre os membros, cujos representantes, como já tinha informado, iriam nesse acto efectuar uma intervenção cujo teor ficaria ao critério de cada um. _____

----Continuou dizendo que o acto de cariz educativa da liberdade constituía tanto para eles como para todos os que entendiam o que representava na vivência responsável e democrática, uma data para sempre recordar, tinha restituído Portugal à sua identidade própria e contribuíra para a sua integração na Europa e no Mundo, como País livre. Porém, passavam naquele dia, trinta e sete anos após o 25 de Abril de mil novecentos e setenta e quatro e ainda não tinham sido atingidos, no todo nacional, alguns dos preceitos da Constituição Portuguesa, nomeadamente, no que dizia respeito à educação, à habitação, ao emprego, à saúde e à justiça. Significava pois, que nos trinta e sete anos de avanços e recuos o Abril que tinha como objectivo principal a igualdade de oportunidades para todos, continuava por construir. _____

----Assim, importava que fosse efectuado um grande esforço para que as oportunidades fossem implementadas com celeridade, para que fosse possível, de facto, considerar-se que era um País justo, equilibrado e solidário. _____

----Na presente data, importava saber principalmente, o que pensavam os jovens, passados que eram todos esses anos. _____

----Perguntou se Abril se teria cumprido; perguntou se Portugal não iria precisar dos jovens e se não seriam eles em todos os sectores, vectores da sociedade que iriam conduzir Portugal a uma nação soberana e respeitada. Pensava que actualmente, os jovens se sentiam frustrados e sem rumo e que perguntavam, para que estudavam? Porque concluíam licenciaturas? Mestrados? Doutoramentos? Cursos Técnicos?.

Adquiriam boa formação técnico-profissional mas depois passavam os dias a deambular à procura de emprego para o qual estavam habilitados e, querendo dar o seu contributo à sociedade que os havia formado, não o conseguiam. _____

----O Presidente da Assembleia disse que essa sua preocupação não visava este ou aquele Governo pois a questão político-partidária não tinha ali cabimento, já que todos os Governos pós 25 de Abril, não tinham sabido inverter a situação socio-económica para que atendesse aos anseios dos jovens, homens e mulheres que queriam ajudar a construir o seu País, que queriam contribuir para o seu progresso, que queriam contribuir para uma sociedade bem melhor do que aquela em que actualmente viviam, porém, não o conseguiam. _____

----Indagou porque teriam tido os jovens que procurar uma melhor oportunidade noutros recantos internacionais, tendo-o não apenas conseguido, como sendo respeitados, premiados e muito considerados. Questionou se seriam esses jovens diferentes daqueles que no seu País não se conseguiam realizar. _____

----Continuou dizendo que o emprego na sua generalidade também era preocupante e que fossem quais fossem os culpados, dever-se-ia encontrar rapidamente outro rumo que possibilitasse que todos, de consciência tranquila, pudessem dizer que tinham feito tudo para ultrapassar esse problema, com a afirmação de que a democracia tinha sido e seria, para ele, o garante da continuação de Abril, não sendo menos verdade, que a democracia só poderia existir se fossem contemplados todos os seus princípios da mais elementar justiça e das necessidades do País. _____

----Os portugueses constituíam um povo que ao longo dos séculos, por todo o Mundo, tinham mantido e mantinham bem viva a chama de Portugal que continuam a dignificar actualmente, em todos os Continentes, mas cujo País nem sempre os tinha sabido tratar, ou tratava com dignidade. Assim, Abril não podia ser Abril sem que os problemas actuais fossem enfrentados, pois muitos eram os mesmos de ontem, que os portugueses não tinham conseguido solucionar. _____

----Sem querelas políticas, tinham todos, que efectuar um grande esforço para encontrar os caminhos que acabassem com a injustiça social, com a falta de emprego, com os problemas graves na saúde e na educação para que fosse possível, de forma festiva, comemorar Abril. _____

----Não podiam continuar impávidos a assistir à falta de civismo, de educação e de disciplina, consentindo que um professor fosse agredido por um aluno ou encarregado

de educação, em plena sala de aula; ao decréscimo da cultura e do saber; aos índices de falta de qualidade do ensino onde a vontade de estudar, de saber, cultivar e de ensinar deveriam ser um esforço efectuado com prazer e não por obrigação. _____

----Não podiam continuar impávidos a assistir à insegurança das pessoas, à violência que graça um pouco por toda a parte, à proliferação de armas ilegais, ao aumento da marginalidade e ao aumento assustador do crime organizado. _____

----Não podiam continuar impávidos e complacentes a assistir à corrupção que graçava na sociedade sem que fossem tomadas medidas efectivas para a erradicar. _____

----Não podiam continuar indiferentes aos problemas dos cidadãos com deficiências sem que fosse promovida, de forma célere, a sua inserção na sociedade. _____

----Não podiam continuar impávidos a assistir aos que sofriam no silêncio das suas casas por vergonha, passando fome e não tendo condições para sobreviver. _____

----Concluiu a sua intervenção dizendo que a importância que pretendiam dar ao presente acto, o de evocar Abril, tinha que ser para todos os presentes e para os portugueses em geral, um acto de consciência cívica, fazendo votos para que as questões que havia mencionado fossem o dia a dia, a constante, das preocupações de todos, quer fosse no Concelho de Tavira, quer fosse no País, ao serviço das populações. Acrescentou, que apelava para que a consciência não lhes pudesse lembrar constantemente que tinham andado a perder energias com supérfluos ao invés de as gastarem com o essencial e trabalhar todos os dias para um País mais justo e solidário. _____

----Terminou dizendo que essa era a sua preocupação e que seria certamente, a preocupação de todos os presentes, sendo, certamente, a única razão que os poderia levar a evocar Abril. _____

----“*Viva Portugal!*” _____

----O Presidente da Assembleia anunciou a intervenção do Membro independente, Carlos Baptista. _____

----O Membro Carlos Baptista iniciou a sua intervenção dirigindo-se ao Presidente da Assembleia Municipal e restantes membros da Mesa, ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira, aos Vereadores, aos membros da Assembleia Municipal, aos digníssimos convidados e restantes presentes. _____

----Começou por dizer que no dia de 25 de Abril, de há 37 anos atrás, em Portugal, de lés a lés, se transbordava de alegria pois tinha acabado de chegar a esperança numa

vida melhor e numa sociedade mais justa. Em abono da verdade, tinham havido períodos onde se tinha sentido mais justiça e uma vida melhor. Mais justiça e uma vida melhor que se tinha diluído no tempo até aos actuais dias, que Portugal, estava de rastos, numa crise abrangente não havendo memória de nada igual. _____

----A classe política estava totalmente desacreditada sendo a única, de entre muitas, classificada no mau sentido, como “*são todos iguais*”. Esse era o conceito popular relativamente à classe política, não sendo melhor, entre ela própria. O que não faltavam eram Câmaras Municipais a queixarem-se da falta de apoio do Governo Central e do retardar de decisões apenas por serem de cores diferentes. Não faltavam Juntas de Freguesia a queixarem-se de tratamento desigual pelas mesmas razões. Era uma estratégia macabra que passava por relegar para segundo plano a resolução dos problemas de cada local e suas gentes, com a finalidade de criar descontentamento local, tornando assim mais fácil, a conquista de determinados territórios, em eleições futuras. _____

----As actuais comemorações do 25 de Abril, eram um misto de alegria e tristeza. Alegria por estarem a comemorar um dia de enorme significado e importância política para Portugal e, tristeza por contactarem que Portugal se estava a debater com uma crise sem precedentes, onde a classe política continuava, de forma hipócrita, a dizer que o interesse nacional estava acima de tudo. Se assim fosse, em nome desse interesse nacional, teriam que desenvolver, pelo menos, esforços para um entendimento mínimo. Ao invés disso, a preocupação residia na toada “*a culpa é tua*”, não, “*é tua*”. Era neste triste cenário, onde ninguém queria assumir a responsabilidade pelo actual estados das coisas, que Portugal ia agonizando, ficando à mercê dos predadores, que iam sugando o pouco que restava. Neste sentido continuava actualizada a canção de Zeca Afonso “*Os Vampiros*”. _____

----Falar em 25 de Abril significava falar numa sociedade mais justa contudo, que sociedade mais justa era essa se constatava que aqueles que roubavam milhões ficavam praticamente impunes. Que sociedade mais justa era essa que, num dia, os jornais noticiavam as baixas de pensões e o retiro de abonos de família e, no dia seguinte publicavam os vencimentos escandalosos, de centenas de milhares de euros, de administradores de empresas público-privadas. _____

----Continuou dizendo que, infelizmente, Portugal era fértil em exemplos dessa natureza, que faziam de um País que poderia ser um pequeno paraíso, um grande

inferno. Poderia efectivamente, ser um pequeno paraíso. Não existiam problemas de etnias como por exemplo em França, não existia nenhuma força política a reivindicar parte do território de Portugal como existia, por exemplo, na vizinha Espanha. Existiam excelentes condições para desenvolver uma grande indústria turística. Existiam dois terços do País banhados por mar, onde deviria saber-se aproveitar as potencialidades desse imenso mar e ter aí um dos principais recursos. Em vez de se apostar numa politica de modernização do sector das pescas, tinha-se apostado numa politica suicida de abate de embarcações, onde até os pescadores, que por razões óbvias, não percebiam de economia, se interrogavam que politica era aquela, que estavam a pagar para abaterem as embarcações, queimando as artes de pescas e indo para o desemprego. _____

----Actualmente, dizia-se *“lá do alto”* que o mar deveria constituir uma verdadeira prioridade da política nacional. Aqueles que nada percebiam de economia, incrivelmente, tinham conseguido perceber melhor a politica desastrosa que os próprios políticos. _____

----Presentemente todos se interrogavam para onde ia o País sem agricultura, sem indústria, sem pescas, sem emprego de onde emergiam novos pobres, com uma classe politica sem qualquer credibilidade, com uma justiça que, por praticar com demasiada frequência a injustiça, criava enormes sentimentos de revolta. _____

----Para além do enorme valor da liberdade conquistada, que só por si justificava Abril, o fim de uma guerra colonial, que tinha acabado com a angústia das partidas, do medo que o ente querido não voltasse, pouco mais restava do espírito do 25 de Abril. _____

----Acrescentou que não queria terminar sem fazer uma referência à juventude de Portugal, a quem, na intervenção do ano transacto, tinha dedicado merecidamente, uma parte da sua intervenção. Não podia deixar de saudar essas grandes vítimas do estado actual do País, sem perspectivas de emprego e de uma vida digna, que depois de serem apelidados de rasca, tinham sabido dar uma resposta cabal, mobilizando-se em número de centenas de milhar, fazendo ouvir a sua voz, de forma ordeira e pacifica, provando que, ao contrário de juventude rasca, era uma juventude à rasca, deixando à *“rasca”* quem os havia classificado como tal. _____

----Quer quisessem ou não, seriam os actuais jovens, os homens e mulheres a cuidarem do futuro. Lamentava, contudo, que lhes estivessem a dificultar tanto essa tarefa. _____

----Terminou dizendo que no que a eles dizia respeito, enquanto Freguesia, apenas queriam que os deixassem continuar a trabalhar em prol dos legítimos interesses da Freguesia e suas gentes, principalmente dos mais desfavorecido, honrando assim a memória do 25 de Abril. *“Viva o 25 de Abril”*. _____

----O Presidente da Assembleia agradeceu e passou a palavra à Membro Isabel Santos para que fizesse a sua intervenção como representante da bancada da Coligação Democrática Unitária. _____

----A Membro Isabel Santos iniciou a sua intervenção endereçando os cumprimentos ao Presidente da Assembleia Municipal, ao Presidente da Câmara, aos membros da Mesa, aos Vereadores, aos representantes das Entidades Oficiais, a todos os convidados e aos membros da Assembleia Municipal ali presentes. _____

----A revolução de Abril tinha constituído a maior, a mais popular e a mais profunda transformação das estruturas sócio-económicas, políticas e culturais do País. _____

----Com a revolução do 25 de Abril, o povo português tinha passado a ter direito ao pão, à educação, à saúde e à habitação. A revolução do 25 de Abril tinha deixado a sua marca na Constituição da República portuguesa onde esses direitos tinham ficado consagrados sendo exemplos, o direito ao trabalho para todos, o direito ao salário mínimo nacional, o direito à segurança social que protegia os cidadãos na infância, na doença, na velhice e no desemprego, o direito à saúde através de um Serviço Nacional de Saúde universal e geral. Nela também se tinha inscrito como prioridade, a promoção da justiça social operando as necessárias correcções das desigualdades na distribuição da riqueza e do rendimento e, no combate às assimetrias entre o Litoral e o Interior. _____

----Com a revolução do 25 de Abril, o povo português tinha nacionalizado a banca e os grupos monopolistas económicos, realizado a reforma agrária entregando a terra a quem a trabalhava, construído o poder local democrático, conquistado direitos para os trabalhadores e para as populações e assumido a liberdade em toda a sua plenitude. _____

----O movimento do 25 de Abril permitiu uma revolução que alterou e melhorou profundamente as condições de vida dos portugueses, acabou com a guerra colonial, valorizou o papel do trabalho e dos trabalhadores, reconheceu liberdades, direitos e garantias, foi em si mesma, uma afirmação da dignidade e soberania Nacional. _____

----Trinta e sete anos depois, mais de setecentos mil trabalhadores estavam no desemprego, centenas de milhares sem protecção social, a precariedade alastrava,

empobrecia-se a trabalhar, a emigração voltava a ser uma necessidade, o acesso aos direitos essenciais como a saúde, a habitação, a acção social, o ensino de qualidade e a cultura estavam cada vez mais longe de serem uma realidade para todos, acentuavam-se as assimetrias entre o Litoral e o Interior, as desigualdades e as injustiças aprofundavam-se ao invés de serem combatidas. _____

----Á pobreza de cada vez mais portugueses contrapunham-se as fortunas de muito poucos, o aparelho produtivo definhava, novos e velhos grupos económicos e financeiros dominavam novamente a economia, contrariamente às expectativas que os avanços e conquistas da revolução tinham criado na população. Portugal, 37 anos depois do 25 de Abril, vive dependente da especulação financeira que diariamente nos roubava os recursos traindo os valores e os ideais de Abril. A intervenção actual iria ter consequências desastrosas no poder local tanto ao nível dos seus trabalhadores como das populações. _____

----Para concluir, disse que as crescentes dificuldades financeiras resultantes de sucessivos anos de política de direita onde tinham assumido particular importância os incumprimentos sucessivos da lei das finanças locais, que iriam ser muitíssimo agravadas com a intervenção externa traindo os ideais de Abril que estavam a celebrar, iriam assistir a uma nova ofensiva para eventuais alterações ao sistema eleitoral para as Câmaras Municipais que seria sempre um factor de empobrecimento democrático, de desvirtuamento da vontade expressa no voto e de liquidação da regra da proporcionalidade. Era, cada vez mais, o tempo de defender e afirmar Abril e de lutar pela manutenção dos direitos que tinham sido conquistados.” *Viva o 25 de Abril.*” _____

---- O Presidente da Assembleia agradeceu e pediu ao Membro José Manuel do Carmo para em representação do Bloco de Esquerda, efectuasse a sua intervenção. _____

----O Membro José Manuel do Carmo iniciou a sua intervenção dirigindo-se aos presentes, ao Presidente e membros da Assembleia Municipal, ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira, aos Vereadores, aos representantes das Autoridades e aos concidadãos de Tavira. _____

----Disse que há um ano atrás, alguns tinham ficado muito incomodados porque em nome do Bloco de Esquerda, dessa bancada, tinha falado da tristeza que sentiam por actualmente se verificar que as expectativas de desenvolvimento económico e social do povo português não se tinham concretizado passados que tinham sido trinta e seis anos, presentemente 37. Contudo, infelizmente, as verdades custavam a “engolir” mas,

felizmente, havia quem as dissesse e, na verdade, no 25 de Abril era preciso falar de política porque o que tinha acontecido no 25 de Abril se tratava de política. Um ano depois, a comemoração do 25 de Abril era feita com a intervenção do FMI – Fundo Monetário Internacional a pedido do Governo do Partido Socialista que tinha prometido que não o faria por tal não ser necessário. Todavia, tinham sido a tomada de medidas que tinham levado, inevitavelmente, à entrada do FMI, no fundo, como o próprio Partido Social Democrata desejava e no momento em que o consórcio dos principais banqueiros o havia determinado. _____

----Quando, em dois mil e oito, o Bloco de Esquerda tinha preconizado que Portugal iria entrar em recessão, o Francisco Lousã tinha sido acusado de ser fatalista, contudo, tivera razão, pois dois ou três meses depois o País tinha entrava em recessão. _____

----O Governo de então, tal como o principal partido da oposição tinham escondido a verdade e tinham continuado a governar como anteriormente e, como anteriormente tudo se tinha passado da mesma forma. _____

----Em dois mil e dez, dois mil e onze, o Bloco de Esquerda tinha advertido para a necessidade de serem tomadas medidas para combater a crise e tinha efectuado propostas concretas que a comunicação social tinha escamoteado cirurgicamente. O Governo tinha optado por medidas do agrado do principal partido da oposição, o Partido Social Democrata, tendo optado por adoptar medidas centrando-se numa lógica de uma política neoliberal, protegendo a especulação financeira que estava a orquestrar uma crise e fazendo recair o pagamento da dívida sobre os trabalhadores e sobre os mais pobres. _____

----Continuou dizendo que à esquerda, o Bloco tinha proposto medidas para enfrentar a crise, para fazer enfrentar a crise de uma outra maneira. O Governo tinha preferido aliar-se às políticas de direita. Sem dúvida, tinha sido essa a opção do Partido Socialista e em consenso com o Partido Social Democrata tinham levado, de medida em medida, à chegada do FMI. _____

----Presentemente a ficção continuava, negociavam com o FMI. Perguntou se acreditavam nisso, se alguém estava a negociar com o FMI. O FMI não tinha vindo para negociar com ninguém mas para aplicar as suas medidas como tinha aplicado na Islândia, na Grécia e na Irlanda. _____

----Efectivamente, Portugal estava a ser governado por representantes do capital financeiro mundial. Os partidos da direita portuguesa, Partido Socialista, Partido Social

Democrata e Partido Popular, “*em bicos dos pés*” queriam fazer parecer que exerciam ou que governavam, procurando mostrar que eram os mais fieis executores, contudo, apenas mostravam que seriam os mais fieis executores das políticas que o FMI decidisse impor. O Bloco de Esquerda tinha claramente e, disso ninguém tinha dúvidas, rejeitado o recurso aos programas do FMI que não se tratava de uma ajuda mas de um resgate e intervenção financeira com o preço da imposição de medidas duríssimas contra os portugueses, contra os salários e pensões que iriam agravar e prolongar a decadência económica portuguesa e a desigualdade social. _____

----Tal como em mil, novecentos e oitenta e três, tratava-se de uma gigantesca transferência de rendimento do trabalho para o capital a fim de promover o facilitismo económico e o poder absoluto da finança. Apelando à memória dos presentes, disse que nesses anos os trabalhadores tinham perdido, por ano, três meses do seu salário e a economia tinha mantido, depois de tudo isso, as mesmas deficiências e vícios estruturais que tinha anteriormente. _____

----O Bloco responsabilizava directamente o Partido Socialista e o Partido Social Democrata pelos sucessivos PEC - Programas de Estabilidades e Crescimento e Orçamentos que tinham conduzido a situação actual criando uma gravíssima recessão que poderia ter sido evitada. Todos os pacotes de medidas de austeridade tinham estimulado mais a especulação, tinham agravado a crise e impedido o desenvolvimento económico e tinham feito Portugal entrar novamente em recessão. O Presidente da República tinha dado por adquirido o acordo do PS, PSD e CDS com a estratégia de austeridade e as metas do défice que, no entanto, nunca tinha sido publicamente estabelecido e que mostrava que as guerras que pareciam existir entre os principais partidos eram um mero cenário que não correspondia à realidade política dos bastidores. Assim, neste sentido, o PSD e o CDS, bem como, obviamente o PS que estava no Governo, tinham-se disponibilizado para apoiar o recurso ao FMI, comprometendo-se com as medidas económicas e sociais que essa imposição viesse a determinar. _____

----Estavam pois, de acordo como o Presidente tinha afirmado embora a propaganda parecesse dar a ideia de que eles não se entendiam, contudo, entendiam-se, não importando em quê, desde que fosse sobre aquilo que o FMI pretendesse fazer. O agravamento do PEC, o seu programa de privatizações e as alterações à lei laboral para facilitar os despedimentos na função pública, entre outros, era o que esperava os

portugueses. _____

----O Bloco tinha, atempadamente, proposto uma intervenção que sustentasse a liquidez do financiamento do estado por via do apoio do Banco Central Europeu directamente à Caixa Geral de Depósitos, tendo assim, sido possível evitar as dificuldades financeiras de Abril e Maio e a chantagem dos banqueiros que tinha sido concretamente expressa em público impondo as suas condições, mas o Governo tinha rejeitado qualquer alternativa que não fosse a que interessasse, precisamente, aos banqueiros. O problema mais grave do sistema financeiro era uma dívida privada muito superior à dívida pública, sobretudo devido ao endividamento insustentável da banca portuguesa. O pedido de resgate ao FMI era, essencialmente, ditado pela má gestão financeira dos bancos, mas todos iriam pagar a factura, quem tinha andado a dizer, quem tinha falado em viver acima das suas possibilidades tinham sido, de facto, os bancos, mas a imprensa não o referia. Acrescentou que se sabia quem era o dono dos jornais. _____

----No novo contexto criado pelo pedido do Governo de intervenção do FMI, o Bloco tinha exigido uma auditoria a toda a dívida externa, pública e privada, de modo a ser possível identificar quais as parcelas da dívida, ou seja, saber quem era o responsável pela situação que o País vivia. Queriam transparência para se saber quem tinha andado a viver acima das suas possibilidades porque, seguramente, não tinha sido o povo. Deste modo, Seria possível determinar um plano de reestruturação da dívida e seria possível equacionar prazos e condições, bem como, a recusa de pagamento de juros extraordinariamente extorsionários que faziam parte do modo de actuação do FMI. _____

----Queriam e propunham ao povo português, a mobilização assente em propostas concretas alternativas e na unidade entre todos que recusassem a política da bancarrota que se apresentava no horizonte. O Bloco de Esquerda insistia na necessidade de consolidação orçamental e de uma rotura profunda na orientação da economia para a bancarrota e para a recessão, para tanto, a chave da solução era uma reforma fiscal que pudesse e que permitisse combater a evasão fiscal instituída e protegida no País, bem como, a redução das despesas escandalosas como as das parcerias público-privadas. _____

----A Deputada do Algarve, Cecília Honório, tinha apontado, no Parlamento, para um valor em torno dos sessenta milhões, apenas referentes às parcerias público-privadas.

A taxação das grandes fortunas e o fim do offshore ou o chamado paraíso fiscal da Madeira era outra das medidas absolutamente necessárias que o Bloco de Esquerda vinha defendendo há anos. _____

----Era necessário deixar de financiar os bancos e as empresas construtoras com a cedência de hospitais públicos e a gestão das auto-estradas e ferrovias. Utilizar os recursos públicos para o relançamento da economia real, aquela que dava emprego, nomeadamente, com propostas como a requalificação urbana, o apoio financeiro à renovação das frotas pesqueiras em vez da orientação seguida para o abate e que tinha vindo a ser desenvolvida ao longo de anos, e com a renovação da ferróvia do Algarve em vez da sua venda a privados. _____

----As propostas do Bloco de Esquerda permitiriam usar os recursos públicos para o desenvolvimento da economia e assim fazer diminuir a pobreza e o desemprego. _____

----Face às ameaças do Governo em agravar e relançar as medidas já previstas no PEC 4, que constituía o próprio programa eleitoral do PS, atacando o salário, nomeadamente o décimo terceiro e quarto meses, reduzindo as pensões e degradando os serviços públicos essenciais, o Bloco de Esquerda, apelava a toda a mobilização social face à ameaça do PEC, FMI que aí vinha e que o PS iria subscrever por inteiro como o seu programa de Governo que não se iria distinguir do programa do PSD, pelo que, só o voto popular poderia salvar a economia. _____

----O compromisso do Bloco de Esquerda era a luta por um governo de esquerda que respondesse e, apenas isso, que pudesse permitir responder à crise, um governo de esquerda, não era um governo do Bloco de Esquerda, mas sim um governo à esquerda, com políticas de esquerda. Era necessário um governo que resultasse da força e da democracia, que a força e a democracia dessem a luta pela responsabilidade financeira, pela criação de emprego, pela redução da pobreza e da precariedade. _____

----Como o voto era soberano, as eleições irão colocar sobre a orientação do voto de cada um dos portugueses a responsabilidade das orientações que viessem a ser tomadas no futuro. Se a votação fosse nos partidos que objectivamente defendiam as políticas do FMI, então, o futuro seria efectivamente negro, mais negro do que o que se vivia actualmente, muito negro, mas por uma vez a responsabilidade estava nas mãos de cada um. _____

----Para terminar, disse que nos últimos tempos todos tinham sido confrontados com a

grande notícia que tinha colocado os portugueses na expectativa e que era sobre se o Bloco de Esquerda e o Partido Comunista Português se entenderiam. Parecia que daí até adviria grande coisa tendo sido, claramente uma não notícia, todavia tinha sido tão bem orquestrada que parecia que estava para surgir qualquer coisa de grande, de diferente, de salvador. Perguntou que coisa seria e se percebiam como se fazia a manipulação informativa no País, pois este era um belo exemplo. De facto o PCP e o BE sempre se tinham entendido, tinham apresentado propostas e moções semelhantes no Parlamento, votavam do mesmo modo, defendiam publicamente ideias semelhante, participavam nos mesmos eventos e estavam conjuntamente na vida sindical e social e até se encontravam para debater os aspectos da vida nacional. O Bloco valorizava este diálogo e manifestava o seu empenho quanto ao seu prosseguimento, porém, esta notícia era uma não notícia que provavelmente, visava apenas disfarçar as tensões e mudar as atenções e, possivelmente, querer mostrar que não havia unidade á esquerda. Era evidente que havia, havia e haveria. No dia em que cinquenta por cento dos portugueses tivessem votado ou votarem nestes dois partidos, o País seria governado claramente de outro modo. Que de tal não houvesse dúvidas, contudo, e importava que ficasse claro que quanto maior fosse a votação à esquerda, o que provavelmente não iria acontecer, maior seria a possibilidade de Portugal, fosse que Governo fosse, de negociar com o FMI a favor de Portugal. Uma votação significativa à esquerda, como noutros países, que até estavam a ser intervencionados pelo FMI, obrigaria o mesmo a considerar a resistência do povo português e a aumentar a capacidade de negociação das medidas mais gravosas que quisessem impor. _____

----Terminou dizendo que, como já tinha referido a decisão estava no voto de casa um dos portugueses e que a actual eleição iria ser sobretudo, uma legitimação da acção do FMI não sendo nada mais, contudo o voto era do povo. _____

----O Presidente da Assembleia agradeceu e disse que iriam ouvir o representante do Partido Social Democrata. _____

----O Membro Hélder Conceição, em representação do Partido Social Democrata, para iniciar a sua intervenção dirigiu-se ao Presidente da Câmara Municipal, ao Presidente da Assembleia Municipal, aos Vereadores, aos membros da Assembleia Municipal, aos Presidentes de Junta, às Forças de Intervenção Policial e Militar e aos restantes cidadãos. _____

----Disse que actualmente, passados trinta e sete anos, se vivia um dos momentos

mais preocupantes para o País e para a democracia sendo os actuais tempos difíceis mas que, contudo, seria fundamental que se convergisse numa unidade e valores, para que todos os portugueses voltassem a ter esperança no futuro. _____

----Tinha que se voltar a confiar nas Instituições e no poder decisório. A recuperação Nacional deveria assentar numa verdadeira democracia e dever-se-ia reflectir sobre o respeito a ter pelo próximo. _____

----Actualmente, mais do que nunca, dever-se-ia ter esperança no futuro para que todos os portugueses se unissem na recuperação Nacional. _____

----Para terminar, disse que em democracia se podia escolher em quem se depositava a confiança para governar o País não sendo necessária uma nova revolução, bastando que cada português exercesse o seu dever, direito cívico, de votar, para assim restaurar a confiança, a credibilidade e a esperança no futuro do País. _____

----Concluiu exclamando: “*Viva Tavira!*”, “*Viva Portugal!*”. _____

----O Membro José Alberto Correia, em representação do Partido Socialista, iniciou a sua intervenção dirigindo-se ao Presidente da Assembleia Municipal de Tavira e restantes membros, ao Presidente da Câmara Municipal de Tavira e Vereadores, aos Presidentes das Juntas de Freguesia e restantes autarcas, aos representantes das Autoridades Militares e Segurança Pública, às dignidades civis, aos digníssimos convidados, aos jornalistas e restantes presentes. _____

----Disse que em qualquer sociedade era normal e salutar a celebração de certas datas e acontecimentos que, pela sua importância ou relevância, eram estruturantes da identidade nacional e factores de união entre os diversos actores da vida de um país. _

----Dentro dessas efemérides sociais, certamente que encontravam, por parte do povo, uma maior ou menor adesão às comemorações oficiais, consoante os factos a celebrar lhes fossem mais ou menos distantes, mais ou menos significantes para as suas dimensões culturais, espirituais e religiosas, convicções mais pessoais, intimas ou profundas, proporcionando assim, uma diferente participação efectiva na partilha e no pulsar colectivo da sua vida pública e social. _____

----Era assim que situavam e destacavam o dia 25 de Abril, como um dia determinante nos destinos da vida colectiva, um dia que congregava em si mesmo toda uma plêiade de valores que iam dos mais elementares e essenciais à vida em sociedade, pelo respeito e aceitação das diferenças de opinião, pelos direitos iguais e inalienáveis entre homens e mulheres, até às aspirações mais legítimas e profundas do ser humano, o

viver em liberdade e em democracia, fiéis depositários da herança dos ideais republicanos e progressistas que promoveram a liberdade, a igualdade e a fraternidade, valores capitais transcritos na declaração universal dos direitos humanos, e que eram os garante fundamentais da justiça e da paz que se pretendia alcançar no Mundo. _____

---A comemoração dos 37 anos do 25 de Abril de mil, novecentos e setenta e quatro, que era o dia da restauração da liberdade, da democracia e dos direitos cívicos em Portugal, sendo por esse motivo, designado com toda a propriedade o dia da liberdade.

---Continuou dizendo, que comemorar o 25 de Abril de 1974 era também celebrar a coragem, a determinação, a abnegação e a valentia daqueles, que com risco da sua própria liberdade e sua própria vida, tinham levado a cabo o extraordinário movimento militar que tinha promovido uma revolução que fizera sucumbir a ditadura do Estado Novo, restaurando a democracia, tendo-o conseguido sem derramamento de sangue fraticida. _____

---Esses heróis portugueses, esses bravos Capitães de Abril, que durante treze anos tinham travado uma guerra em territórios africanos, como em Angola, Moçambique e Guiné, tinham, no início, promovido um movimento essencialmente reivindicativo, corporativo, fazendo voz de um crescente descontentamento que grassava nas classes militares mais baixas, dos praças aos sargentos mas, principalmente, na classe dos Oficiais Milicianos e, com eles a própria Instituição Militar num todo, que se viam cada vez mais desfavorecidos e desprestigiados aos olhos do poder central, acusados de não ganharem uma guerra que apenas podia ser resolvida no plano político e não no plano militar. _____

---Esse movimento de corajosos militares tinha-se apercebido que a solução do problema africano, da crise das Forças Armadas e da crise geral do País, que não se tratando apenas de uma crise política, era também, económica e social, só podia ser encontrada através da alteração do regime, no quadro das instituições de uma democracia política. _____

---Assim, celebrar o 25 de Abril era também celebrar o movimento dos Capitães, o movimento das Forças Armadas, que em boa hora se tinham identificado e colocado ao lado da Nação, com realismo e coragem, acabando com uma guerra insustentável, por não poder ser ganha, e injusta, por não ter em conta a realidade incontroversa dos direitos dos povos à sua autodeterminação, e por ultimo, devolvendo aos portugueses

a legitimidade de poder escolher, pelo voto democrático, os seus destinos colectivos, representativos das aspirações e interesses do povo português. _____

---Disse que confessava que, logo após ter tido a honra de ser convidado pela bancada do Partido Socialista para falar naquele momento solene, tinha dado por si a interrogar-se sobre o modo de transmitir e elogiar convenientemente os valores associados à data, pois na sua consciência, o 25 de Abril celebrava-se todos os dias, na medida em que as conquistas estavam presentes e ligadas à vida actual, às acções diárias, de uma forma muito natural, pelo que, o 25 de Abril se realizava, concretizava todos os dias do ano. _____

---Acrescentou que, contudo havia algo que tinha que ser dito, alto e em bom som, mesmo que pudesse parecer elementar ou rudimentar. Tratava-se do privilégio de poder estar a discursar naquele momento de elevado significado e simbolismo, em completa liberdade, sem qualquer tipo de censura prévia ou receio de qualquer tipo de repressão quer fosse policial, política ou social, e tal devia-se ao 25 de Abril de 1974. ____

---Era importante realçar esse aspecto, nomeadamente para as gerações mais novas, pois algo que presentemente era da maior singularidade e normalidade, dizer-se o que se pensava, não o era, não o tinha sido durante toda a segunda República, durante o regime de Salazar e Caetano, durante o Estado Novo, os longos quarenta e oito anos. Muitos dos presentes tinham vivido nesses dias e ainda se recordavam certamente do que esses tempos críticos tinham significado para o País e para os portugueses. _____

---Ao clima das restrições das liberdades, associadas a um atraso estrutural da generalidade do tecido económico e social, com uma população pouco alfabetizada, maioritariamente dedicada ao sector primário e, existindo um protecçãoismo económico que impedia a concorrência e o livre funcionamento dos mercados, favorecendo a oligarquia que dominava o poder, o mau estar social tinha aumentado a partir de mil, novecentos e sessenta e um, com uma guerra colonial que ia exaurir o tesouro nacional e aumentar o descontentamento popular. O povo tinha começado a perceber o que a Censura e a Polícia Política faziam por esconder, que todas as colónias ultramarinas, dominadas pelos antigos impérios europeus, começavam por todo o Mundo a se tornarem independentes, e que só a falta de visão histórica e teimosia de Salazar, traduzida na sua célebre frase, do *“orgulhosamente só”*, empurrava Portugal para um ostracismo e isolamento internacional contrários ao progresso e ao bem estar das pessoas e dos estados. Porém, ainda pior era que o

povo via, com o passar dos anos, que a situação se agravava, com os seus filhos a irem para uma guerra cada vez mais brutal e perigosa, e não havia ninguém em Portugal que não soubesse de algum familiar, vizinho ou conhecido que não tivesse sofrido a perda de um ente querido em África, desaparecido em combate ou que viesse de lá mutilado. _____

----A situação tornava-se dramática, inclusive no seio das Forças Armadas, que arcavam com as responsabilidades de um gravíssimo problema que não era passível de resolução militar mas sim política. _____

----Tinha sido o somatório dessas dificuldades, que tinha oprimido a Nação, em termos sociais, económicos, políticos e militares, que tinha feito eclodir o Movimento das Forças Armadas em 1974. _____

----Acrescentou que, celebrar o 25 de Abril era também uma ocasião para celebrar as conquistas e avanços sociais, culturais e económicos que o Estado de direito democrático tinha conseguido implementar, após o período revolucionário e, após a implementação da Constituição da República Portuguesa, em mil novecentos e setenta e seis, tendo criado novas realidades estruturantes com impacto visível na melhoria da qualidade de vida dos portugueses, que consideravam e queriam irreversíveis. _____

----Disse que se permitia citar algumas situações diferenciadoras do “antes” para o “pós” 25 de Abril. _____

----Iniciou com a implementação do Serviço Nacional de Saúde que apelando à memória dos presentes, tinha tido um enorme avanço na quebra da mortalidade infantil, do aumento da esperança de vida à nascença, do aumento da esperança média de vida e da maior longevidade alcançada, que todos, beneficiavam actualmente, graças ao investimento na expansão de uma verdadeira rede pública de prestação de cuidados de saúde, e à garantia, desde mil, novecentos e setenta e nove, de cuidados mínimos de saúde a todos os cidadão, o alargamento da protecção social, a integração social das mulheres, a democratização do ensino, a massificação das oportunidades de acesso à cultura e ao lazer, a valorização do poder local e a integração no espaço Europeu. _____

----Continuou afirmando que todos sabiam e reconheciam com facilidade as profundas alterações que o País tinha sofrido nas últimas décadas. Mudanças radicais, mudanças profundas, mudanças que tinham acompanhado a mudança do Mundo. O Globo tinha sofrido rápidas e profundas transformações, as tecnologias de informação e de

comunicação tinham diminuído as distâncias e aproximado os povos, a população tinha acesso, em qualquer lugar, a tudo o que se passava quer no País quer no Estrangeiro, e por isso, dizia-se que actualmente se vivia num Mundo Globalizado, numa “*pequena aldeia*”. Disse ainda, que sabiam que as preocupações humanas tinham ganho uma escala verdadeiramente planetária, quer fosse nas políticas económicas ou em matérias financeiras, nas políticas de ambiente ou nas práticas ecológicas, na protecção dos recursos naturais ou nas questões energéticas, ou nas ameaças à paz e segurança Mundial, especialmente após o atentado de onze de Setembro de dois mil e um.

---Era do conhecimento de todos que o Mundo tinha atravessado, e ainda estava a atravessar a sua maior crise financeira desde mil, novecentos e vinte e nove e que a crise se tinha iniciado em dois mil e oito, nos Estados Unidos da América, tendo atingido os quatro cantos do Mundo. Portugal, estando inserido no mercado europeu e no mercado global, também atravessava, como os demais países ocidentais e desenvolvidos, a maior crise financeira dos últimos oitenta anos e que tinha dado origem, como era do conhecimento geral, a crises económicas e sociais espalhadas pelo Mundo. A esse panorama pouco animador, provocado pelos especuladores de um capitalismo financeiro à escala global, avolumara-se presentemente em Portugal, e no pior momento possível, uma crise política.

----Continuou dizendo que contudo, mais do que nunca, o povo tinha todos os meios para estar informado do que se passava e saberia, através do exercício do voto, com a maturidade democrática que o 25 de Abril tinha trazido ao País, saberia identificar os responsáveis e escolher os políticos mais experientes e credíveis para que Portugal superasse os tempos difíceis que atravessava, para que saísse da actual crise, o mais rapidamente possível. Mais do que nunca, o povo precisava de estar unido num esforço comum. Portugal já tinha atravessado inúmeras crises ao longo da sua história de quase novecentos anos e todos juntos saberiam vencer e ultrapassar as novas dificuldades.

----Disse que, para finalizar, referia que os tempos difíceis que se viviam actualmente, também poderiam constituir uma oportunidade para repensar o paradigma neoliberal instalado, individualista e consumista, promotor de desperdícios e de aparências, que aumentavam as assimetrias sociais e a estigmatização dos mais pobres e desfavorecidos. Talvez fosse possível aproveitar o tempo actual, de contenção, para

fortalecer a coesão social, as solidariedades institucionais perante os mais excluídos, por parte da responsabilidade social das empresas, das IPSS – Instituições Particulares de Solidariedade Social e, do próprio Estado, evitando a desregulamentarização da protecção social, da saúde e da educação. _____

----Acrescentou que com uma gestão ética e socialmente responsável, com o envolvimento de todos, de toda a classe política, a solidariedade e responsabilidade de todas as instituições, desde o Estado às empresas, dos privados aos sindicalizados, tudo seria possível se houvesse por parte de todos a noção que era chegada a hora de se criar mais riqueza para o País e das empresas criarem postos de trabalhos, a fim de combater o desemprego. Todos tinham que se esforçar por criar valor, todos tinham que produzir mais, acreditar na capacidade de todos, serem mais empreendedores, apostar na formação, na inovação, na ciência e tecnologia, ajudar os mais velhos a reintegrarem-se, utilizar a mão de obra especializada dos jovens, apostar nos talentos, criarem-se produtos e serviços de qualidade certificada, melhorar os processos eliminando desperdícios, saber que existia lugar para todos e que todos tinham direito ao seu lugar, o que teriam de fazer com uma mudança positiva de mentalidades, com proactividade, com energia, com persistência, com esperança, com optimismo, acreditando em novas respostas para novas realidades tendo, contudo, o supremo cuidado de não colocar em causa as conquistas de Abril. _____

----Essas eram umas conquistas frágeis, recentes no tempo histórico do País e tinham, por isso, de ser cuidadas e mantidas com toda a força e convicção sendo, justamente, por esses valores que estavam ali, naquele momento, a cultivar e a prestar a justa homenagem a quem tinha lutado para os oferecer. _____

----Para concluir a sua intervenção, pedia às gerações mais novas que os ouviam, para que soubessem dar valor à vida em liberdade, à democracia, à liberdade de expressão, e que tivessem sempre presente o que o povo, com toda a sua sabedoria, dizia: *“é na ausência que se conhece a falta”*, ou seja, nunca quisessem saber, nunca quisessem viver na ausência da liberdade, na ausência da democracia, dos valores da solidariedade social, da justiça e da igualdade para todos. _____

----Estava convicto que esses valores eram inalienáveis e que constituíam património de todos os portugueses, quaisquer que fossem as suas perspectivas políticas, pois o 25 de Abril era de Portugal, era de todos os que se reviam na democracia. _____

----Terminou exclamando: *“Viva a democracia!”*; *“Viva a Liberdade!”*; *“Viva o 25 de*

Abril!”, “Viva Portugal!”.

----O Presidente da Assembleia agradeceu a intervenção e indicou que iria passar a palavra ao Presidente da Câmara.

----O Presidente da Câmara dirigiu-se ao Presidente da Assembleia Municipal, aos Membros da Mesa, aos Deputados Municipais que ali estavam reunidos extraordinariamente, aos Vereadores, aos Presidentes de Junta de Freguesia, aos restantes autarcas ali presentes como, o ex-Presidente da Câmara Municipal de Tavira, Fialho Anastácio, aos representantes das forças políticas do Concelho, à Comissária da Polícia de Segurança Pública, ao representante da Guarda Nacional Republicana, ao segundo Comandante dos Bombeiros Municipais, ao Dr. Jorge Correia, ao Sr. Cunha Dias, à Comunicação Social e restantes presentes.

----O Presidente iniciou a sua intervenção dizendo que iria apenas referir alguns aspectos para simbolizar o presente acto. Em primeiro lugar gostava de felicitar o Presidente da Assembleia Municipal de Tavira por, mais uma vez, ter permitido que ali, naquela palanque, todos tivessem podido dizer, uns com mais coração e outros mais com a razão, uns mais em estilo comício proporcional aos tempos que corriam, outros mais contidos, mas que pudessem dizer verdadeiramente, aquilo que entendessem em sobre a actual data, obviamente em representação das forças políticas para cuja leitura dos textos tinham sido mandatados para fazer.

----Tinham dito como tinham entendido, tinham feito como tinham podido, cada um tinha analisado o tempo que corria da sua forma. Nada melhor para comemorar os 37 anos do 25 de Abril que ter novamente essa oportunidade, depois de alguns anos e que não se tinha realizado essa cerimónia em Tavira. O corrente ano tinha especial significado pois era um ano em que a própria Assembleia da República não tinha encontrado tempo para reunir os seus deputados a fim de comemorarem em Sessão Solene. Apesar de dissolvida, podia muito bem, na sua opinião, reunir para comemorar o actual dia porque os tempos que corriam apelavam à reflexão e apelavam à acção sobre o modo de como todos tinham conduzido a democracia.

----Tinha-se falado ali na crise, dos especuladores imobiliários, das dificuldades que se sentiam, da forma como se tinha chegado aquele ponto, pois era uma questão importante, o saber como se tinha chegado aquele ponto, dos tempos difíceis que se viviam e viviam-se porque, evidentemente, a democracia, a liberdade de todos, era todos os dias testada em função da representatividade e das condições económicas

actuais, contudo, havia algo que podiam seguramente dizer, existia liberdade de expressão, existia liberdade de participação, existia liberdade de actuação, a democracia representativa e participativa ao fim de 37 anos funcionava e se havia um legado historio, sendo possível ter-se falhado em muita coisa, em termos económicos ou não, havia algo que não tinham falhado e que era no exercício das liberdades onde cada um dizia o que queria, fazia como entendia dentro do quadro legal que era o quadro que os regia, que era o quadro de um conceito democrático onde a liberdade e o regime politico estava sujeito à lei e ao direito. Era assim que faziam. _____

----Dificuldades, obviamente, existiam muitas, o tempo não estava para brincadeiras não se podendo, actualmente, fazer as mesmas coisas que já se tinham feito. Possivelmente ter-se-ia gasto demais, possivelmente era hora de voltar ao inicio, como no principio de uma democracia representativa, talvez o devessem fazer, mas também, era possível que se tivesse chagado a um ponto importantíssimo de coesão social, a um ponto importantíssimo de desenvolvimento tendo actualmente o Serviço Nacional de Saúde, escola para todos, meios de acessibilidade com facilidade, edifícios e serviços públicos que funcionavam, uma economia que tinha crescido rapidamente ao longo dos anos em que o 25 de Abril tinha permitido a liberdade. Era possível que se tivesse crescido, ou até sofrido de excesso de crescimento rápido, sendo essa a questão que apelava a reflexão de todos. _____

----Actualmente em todo o lado os tempos eram complicados, não sendo, infelizmente, um património exclusivo de Portugal porque requeriam mais exigência e talvez nunca, como actualmente, nos decurso dos 37 anos em que existia democracia, os políticos tivessem tido tanta responsabilidade pois era necessário cortar nas gorduras que se tinham ido criando porque, tanto Estado como privados, como famílias, como Autarquias, todos, no actual momento, tinham que ir cortando e ao mesmo tempo fazendo opções e criando nas pessoas e bem, uma convicção do exercício de direitos e deveres a eles correspondentes apesar dos direitos muitas vezes serem exercidos de forma mais célere ou as pessoas serem mais exigentes nos direitos porque, actualmente, as questões que se encontravam em cima da mesa eram de fazer exercer os direitos e as questões que mais importavam às pessoas. _____

----Referiu que haviam, de facto, dificuldades, mas não podiam chegar ao extremo de dizer que não havia dinheiro para nada porque esse era verdadeiramente o discurso da derrota completa do espírito da democracia, do espírito do 25 de Abril e do espírito de

se criarem orçamentos próprios, opções próprias, quer a nível do Governo quer, sobretudo, nas comunidades locais. _____

---Actualmente o poder local estava completamente enraizado, consolidado, funcionava, a democracia funcionava nos Concelhos e era importante que funcionasse pois era a expressão máxima, na sua opinião, onde se podia dizer que todas as forças políticas trabalhavam para o mesmo, todos trabalhavam independentemente das posições políticas que tinham, das opções pessoais que iam tomando diariamente. Disse que acreditava piamente que todos trabalhavam pela sua visão, pela sua forma de ver a sociedade como estavam inseridos, para fazerem nas suas terras, Concelhos, o melhor possível, porque o melhor património era a forma diferente de cada um ver as coisas. Assim, era importante criar consensos, criando maiorias e responsabilidade para ir para a frente tanto a nível local como a nível nacional e era essa a opção que os portugueses teriam que fazer nos próximos tempos. A nível nacional teriam que fazer uma opção e o portugueses seguramente saberiam fazer essa opção melhor que ninguém, identificando causas, identificando responsabilidades, sabendo ou optando por aqueles que lhes davam mais garantias que os levassem a um desenvolvimento melhor, o mais rapidamente possível, para sair da actual crise. _____

---Continuou perguntando que democracia queriam, pois essa era a verdadeira questão, passados 37 anos após o 25 de Abril. Qual seria a democracia, obviamente, uma democracia de liberdades e que permitisse a actuação das pessoas porque era necessária uma mensagem de esperança, uma mensagem de esperança para os jovens que actualmente eram mais qualificados mas mais desempregados. As suas opções consistiam em arranjar, com cada vez mais dificuldades, emprego no País ou simplesmente, fazerem aquilo que já tinha sido dito ali, utilizarem o mercado global saindo do País e dando energia através dos seus conhecimentos adquiridos em Portugal, a outros países que, obviamente, faziam com as suas capacidades de trabalho, evoluir as suas democracias. Seguramente, Portugal era o País que mais tinha avançado, nos últimos anos, a nível de licenciaturas, mestrados e doutoramentos, porém o desafio estava onde é que esses jovens estavam a trabalhar. _____

---A mensagem de esperança dos jovens, obviamente, jovens que tinham que ser permanentemente insatisfeitos e as gerações que se iam criando de jovens, uns “à rasca” outros com adjectivos menos qualificativos que lhe pareciam sobretudo injustos, era a opção de manifestações perfeitamente legítimas porque em todos os países, em

todos os momentos sociais eram os jovens que tinham sido os impulsionadores de uma preocupação social, no caso concreto, no que se refere à ocupação do emprego, à ocupação da sua inserção profissional, da inserção no crescimento. _____

---Os tempos que corriam eram tempos de reflexão e de acção, que como tinha referido e o que verdadeiramente tinham que fazer, era tomar as melhores opções no contexto nacional e no contexto local. Pedindo permissão para falar no contexto local por razões óbvias, acrescentou que actualmente o Município de Tavira apesar de sustentável, ou seja, não carecer de efectuar o pedido, como actualmente se chamava, de reequilíbrio dos saneamentos, tinham dificuldades como todos os Concelhos, mas estavam a tentar fazer as melhores opções com virtudes e possivelmente alguns erros que a história irá ajuizar, mas estavam a tentar fazer aquilo que lhes parecia melhor para o Concelho, para a sua projecção e visibilidade, para que as pessoas optassem por visitar Tavira, pois existia uma grande cultura do turismo que também dava muito emprego a muita população residente. Assim, era a plena utilização das capacidades económicas do Concelho que os fazia tomar um conjunto de opções dentro do contexto financeiro actual. _____

---Dificuldades haviam, mas, obviamente, tinham esperança que as coisas caminhassem e que a falta, a menor quantidade de dinheiro em transferências do estado, em termos do arrefecimento da actividade económica, não os levava a ter menor vontade de cumprir aquilo com que se tinham comprometido com as pessoas e essa era a questão fundamental. Disse, que se olhassem em volta verificariam que, obviamente, haviam algumas coisas que aguardavam, porém, outras estavam a avançar. _____

---Citou que no stand da Câmara Municipal de Tavira, da Feira da Serra, poderia ser visto um conjunto de projectos cujo investimento global era superior a sete ou oito milhões de euros que tinham ambição de concretizar estando, também, a tentar trazer para Tavira um conjunto de investimentos substanciais, uns com fundos que não seriam do Município, sendo de outro tipo de financiamentos, mas muitos seriam realizados com o financiamento do Município de Tavira. Quanto a obras, podiam verificar que havia um conjunto de intervenções na rede viária, nos edifícios públicos que estavam a ser executadas e que tinham intenção de executar outras. Verificariam seguramente, que o que pretendiam era que os níveis de desenvolvimento se fossem acentuando com prioridades claras do que as pessoas de Tavira necessitavam para os tempos que

corriam, contudo, havia ainda algo de muito importante, o ritmo de execução não poderia ser o mesmo em relação aos anos onde o sector do imobiliário tinha mexido tendo originado o recebimento, em todas as Autarquias, não sendo Tavira excepção, de valores consideráveis de dinheiro que, obviamente, actualmente não recebiam. _____

----Assim, era necessário redireccionar, refazer ou fazer de forma diferente tentando, contudo, chegar às pessoas que haviam votado no actual Executivo, votando maioritariamente naquela equipa politica e, por isso, seriam os principais cobradores do que tinham proposto para fazer. Se fosse efectuada uma pequena avaliação, constatar-se-ia que muito do que tinham dito já estava a ser executado no terreno e iria ser executado ao longo dos quatro anos decorrentes. _____

----Dentro do conjunto de prioridades, tinham os problemas da juventude, a questão do emprego em Tavira que era uma questão muito importante, as questões da educação, as questões da acção social porque cada vez mais haviam mais famílias em Tavira com dificuldades, por terem sido afectados pelo espectro do desemprego ao ponto de poder dizer com toda a segurança que em Tavira já não sabia quem era rico ou pobre porque haviam pessoas que viviam bem, aparentemente bem, mas haviam pessoas que viviam mal, muito mal. Era o limbo, era o que os 37 anos tinham trazido, dificuldades das famílias em todo o lado e também em Tavira que tinha levado o Município a ter um patamar superior de responsabilidade para acolher situações de desequilíbrio pontual nas famílias, muitos dos casos tratados sem badalação porque essas situações não queriam publicidade mas uma actuação vigorosa no terreno através das Instituições de Solidariedade e pessoas de boa vontade com alguns meios, com muita participação e meios das Juntas de Freguesia e de muitos que todos os dias trabalhavam na democracia local para que tudo corresse o melhor possível. _____

----Trinta e sete anos do 25 de Abril tinham trazido, seguramente, um grande envolvimento local para fazer o bem às pessoas, Actualmente estávamos num tempo muito exigente onde mais pessoas precisavam de ajuda e possivelmente alguma ainda não tinham tido a coragem suficiente para lançar o SOS porque passavam dificuldades na solidão das suas casa por vezes vivendo no que também tinha conduzido ao patamar onde se encontravam, consumismo, empréstimos a mais, problemas a mais, ascensão social rápida e, muitas vezes, as bases não seriam as melhores. _____

----Era pois, esse o desafio que tinham actualmente, o de encontrar, na sociedade, os verdadeiros problemas das famílias para onde não podiam haver falta de meios, tendo

que estar todos, Câmara, Freguesias, forças políticas, pessoas de boa vontade que todos os dias conversavam com todas as pessoas, ou seja, uma responsabilidade de todos, podendo não dispor dos meios, mas por vezes as palavras, o aconselhamento ao invés da indiferença que não poderia existir. Trinta e sete anos de democracia, ou democracia formada, formatada pelos Capitães de Abril num processo que já tinha ali sido explicado, o que não podia era tornar as pessoas indiferentes ao que se estava a passar. _____

----Acrescentou que os actuais tempos apelavam a cada vez maior participação cívica de todos e que felizmente em Tavira havia um movimento cívico, social, cultural, desportivo e outros, com um grande número de pessoas que participavam nesses movimentos civis e sociais e que estavam, de alguma forma, envolvidos para ajudar os outros. Queria, obviamente, agradecer a todos porque ao comemorar os 37 anos de democracia, que sem o trabalho de todos, desprezioso, solidário, com prejuízo de muitas vidas pessoais e muito sacrifícios de muito tempo, sem a ajuda dessa sociedade civil que em Tavira era particularmente actuante, de forma que pudesse dizer que as pessoas de Tavira não eram indiferentes ao que as rodeava e às famílias que careciam de apoio, que era gratificante, no trigésimo sétimo aniversário do 25 de Abril, reconhecer estas pessoas, pessoas que tinham nome e identidade e que todos os dias participavam no cultivar e no fazer a democracia da terra. _____

----Geralmente olhava-se apenas para os políticos, para o Presidente da Assembleia Municipal, para o Presidente da Câmara, Presidentes de Junta e para todas as forças políticas, mas na sociedade haviam muitos que sem títulos, sem prémios, apenas com o espírito solidário da democracia, da entreaajuda, faziam com que as dificuldades sociais do Concelho minorassem e que muitos continuavam de alguma forma a ter algum apoio e não excluía, obviamente, o grande papel da Câmara Municipal como principal motor económico, social e de base de apoio para todas estas comunidades que contavam sempre com o apoio e disponibilidade da Câmara Municipal de Tavira, com espírito de abertura e de franqueza, respeitando as opiniões de cada qual, as opções de cada um, mas nunca prescindindo de tomar as atitudes que considerava as mais adequadas para os tempos actuais face às dificuldades financeiras com que se confrontavam. _____

----Concluiu dizendo que contavam com todos e estavam com todos e que esperavam que no trigésimo oitavo aniversário, em Sessão de Assembleia Municipal, estivessem

ali com um novo Governo, com uma nova dinâmica política e social e, ainda, com uns melhores indicadores económico que os actuais. Não sabia se seria o PEC 4, 5 ou 3, mas isso não interessava, o que lhe interessava era que o poder local funcionasse, que o Estado respeitasse as Autarquias Locais e que de alguma forma, também as economias melhorassem pois a perspectiva redistributiva era essa, recebiam e tudo o que recebiam poriam ao serviço da comunidade como não poderia deixar de ser. _____

----Exclamou: "*Nesta data, Viva o 25 de Abril!*" "*Viva Tavira!*" _____

----O Presidente da Assembleia agradeceu a intervenção, a comparência de todos e, desejou que a democracia continuasse viva. _____

----Nada mais havendo a tratar, o Presidente da Assembleia deu por encerrada a Sessão Solene, pelas onze horas e quarenta e cinco minutos, da qual, para que conste se lavrou a presente acta. _____

A MESA DA ASSEMBLEIA,

